

Entre as ficções da Peste de Camus e as sociabilidades reais emanadas pelo COVID 19: Apenas interrogações sobre nossas “almas esticadas no curtume” lá “no hospital da gente”¹

Between the fictions of the Pest of Camus and the real sociability emanated by COVID 19: Just questions about our “souls stretched in the tannery” there “in people’s hospital”

Andre Luis Nascimento²

RESUMO

O presente ensaio oriundo das reflexões trazidas na mesa Iniciativas culturais e práticas afetivas nos vazios da quarentena realizada no PRÉ ENAMPEGS 2020, teve por intensão apresentar grosso modo um painel de perplexidades, confusões e profundos temores provocados pelo inusitado da nossa peste contemporânea, qual seja, o COVID 19 e os discursos que emergem através dos diversos enclaves de atores que compõe o Estado e a sociedade, configurando assim, um inventário discursivo que forja a nossa cultura em tempos de pandemia. Para tal viagem dialógica tomamos como ponto de partida a Peste, celebre obra distópica publicada nos anos 1947 por Albert Camus, obra sempre lembrada em momentos de calamidade, que, nesse momento, a COVID 19 se ocupou de restituir a atualidade. Outras peças do cancionário brasileiro surgem como referências e dão o tom desse ensaio que traz mais interrogantes que respostas.

Palavras chave: Covid-19; A Peste de Camus; Discursos; Cultura.

ABSTRACT

The present essay, the result of reflections made at the table Cultural initiatives and affective practices in the voids of the quarantine held at PRE ENAMPEGS 2020, was intended to present a panel of perplexities, confusions and fears provoked COVID 19. The speeches that emerge from the actors that make up the State and civil society, thus configuring a discursive inventory that forges our culture in times of pandemic. For such a dialogical journey, we take Camus's Plague as a starting point. Dystopian work published in the 1947s, work always remembered in times of calamity. Other pieces of the Brazilian songbook also appear as references and set the tone for this essay, which brings more questions than answers.

Keywords: Covid-19; Albert Camus's Plague; Speeches; Culture.

¹ igo selecionado em modalidade Fast Track relativo ao Pré Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social. Editoria especial: Edgilson Tavares de Araújo (UFBA), Leonardo Prates Leal (UFAL), Maria Amelia Jundurian Corá (UFAL).

² Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Vice Diretor da EAUFBFA, Pesquisador do CIAGS e do CEAO. E-mail: andreluisnascimentosantos@gmail.com

O flagelo não está à altura do homem; diz-se então que o flagelo é irreal, que é um sonho mau que vai passar. Mas nem sempre ele passa e, de sonho mau em sonho mau, são os homens que passam e os humanistas em primeiro lugar, pois não tomam as suas precauções. Nossos concidadãos não eram mais culpados que os outros. Apenas se esqueciam de ser modestos e pensavam que tudo ainda era possível para eles, o que pressupunha que os flagelos eram impossíveis. Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres e jamais alguém será livre enquanto houver flagelos. A PESTE, de Albert Camus, Rio de Janeiro, Editora Record, 2018 - 24ª edição

Tanta gente canta, tanta gente cala
Tantas almas esticadas no curtime... Caetano Veloso

São sons de sins, não contudo, Pé quebrado verso mudo
Grito no hospital da gente... Chico Cezar

Esse é um ensaio que nasce das perplexidades, confusões e profundos temores provocados pelas ameaças de adoecimento e o dever de quarentenas propugnadas pelo vírus COVID 19 no ano da graça de 2020, o ano que parece nem bem ter nascido e já teve seu termo decretado pelas tantas projeções catastróficas que se confundiram com as tristezas cíclicas provocadas pelas ressacas de carnaval. Em que pese para os economistas esse é um ano perdido, aos olhos dos cientistas sociais parece que esse se desenha como um ano que jamais deveria ser esquecido pela trajetória da vida humana na terra, pelas tantas solidões que habitam a vida dos indivíduos comuns que tal como “cobaias de Deus”³, vivem sob o manto do medo desse inimigo invisível aos olhos nus, que nos ameaça a existência, que nos limita os passos, o nosso desiderato comum, viver e conviver em sociedade.

Esse é um tempo em que as alteridades são postas a prova. Entre o eu e o outro, o outro em mim, tal como Todorov (2003) na sua Conquista da América rememorava o evento histórico que ressignificou o mundo a partir das grandes navegações que expandiram o Ocidente para as Américas, os dilemas advindos do COVID 19, nos constringe a pensar as alteridades não pela expansão, mas pelas necessidades de reclusão, de recato, de recolhimento: de isolamento social.

Para enfrentar os parágrafos que estão por vir, este escreva se aventura a orientar a leitura e a escuta de algumas referências contidos nos tantos cacos de versos e prosas que compõe algumas passagens desse texto, algumas doses de qualquer etílico da vossa preferência e pitadas generosas de boa vontade para que o enfadonho dessas letras não te tome até o final. Aqui não há referências metodológicas predominantes, grandes pretensões de científicidades à mostra e sequer uma tese a ser defendida. Espere apenas interrogações... Interrogações ativas com o fito de alimentar o exercício da reflexão que nos permita nesse diálogo mais o exercício da escuta do que propriamente o exercício do falar. Escuta sensorial, virtual, mas, sobretudo, escuta, peça mãe do diálogo, força motriz do habitar entre os homens, nossos irmãos.

Aqui, tomamos como ponto de partida a Peste, celebre obra distópica publicada nos anos 1947 por Albert Camus, obra sempre lembrada em momentos de calamidade, que, nesse momento, a COVID 19 se ocupou de restituir a atualidade. A peste, essa alegoria dos horrores de uma epidemia da antiguidade é o convite que nos leva a refletir os limites entre a ficção e as realidades emanadas pelos momentos de calamidade pública.

A COVID 19, esse nosso flagelo contemporâneo, é a calamidade da vez que se nos coloca à mostra permeado por múltiplos discursos que nos levam a considerar o lugar que nos é destinado nesse aquário

³ Referência que nos remonta a versos da letra de música Cobaias de Deus contida no álbum Burguesia de Cazuza no ano de 1989. “Nós, as cobaias de Deus// Nós somos as cobaias de Deus// Nós somos as cobaias de Deus// Nós as cobaias!”

chamado mundo. Esse é o lugar, a territorialidade pela qual se espriam as nossas “almas esticadas no curtume”⁴ lá no “hospital da gente”⁵.

Diante da Peste instaurada e publicamente decretada, iniciam-se os amplos discursos que modelarão a esfera pública da cidade calamitosa. O Discurso médico científico, o discurso religioso, o discurso jurídico, o discurso político, o discurso econômico, o discurso midiático, o discurso individual, enfim, um inventário de narrativas em disputa a todo o tempo. É desses discursos que os personagens de Camus nos darão conta, fazendo com que a ficção nos conduza a refletir a nossa realidade mundo. Cada um dos personagens são portadores de um inventário discursivo capaz de mobilizar estimas, atenções, ódios, esperanças, angustias, enfim, os tantos vazios da alma.

Que convergências e distanciamentos podem ser percebidos nesses tantos discursos? Quais os limites que se estabelecem entre as vicissitudes postas e a ética? Pausas, muitas pausas... é o que nos cabe nesse ensaio!

E eis que saímos da ficção e retornamos os nossos olhares para o real que reflete os tantos discursos emanados pela COVID 19 no Brasil e no Mundo. O tal vírus novo, essa nossa peste contemporânea, é a expressão mais pujante dos nossos flagelos mais intestinos. Entre a esfera pública e a esfera privada, retratos da sociedade mundo são postos à mostra pela ação de um vírus que no curso da sua pandemia faz dia após dia resignar as nossas fragilidades humanas em todos os sentidos e dimensões.

O que vale mais que a vida humana na avaliação dos Estados e da própria sociedade? Que vidas devem ser mantidas e que vidas podem ser morridas para o bem das economias, para o bem da manutenção da vida normal livre e desimpedida? Esse é um longo memorial de muitos equívocos, alguns notáveis acertos e uma sequência de longos dias ruins que até então se repetem e não parecem ter um fim tão próximo.

Assim como na Peste de Camus, muitos são os discursos que emanam dos múltiplos atores que compõe a sociedade e que forjam os sentimentos da população que recebem esses estímulos. Os discursos compõem o quadro dos nossos vazios da quarentena, esse momento em que os dias nos escorrem pelas mãos e os sentimentos de angústia e esperança, dão conta de um futuro incerto.

Desses tantos discursos, algumas disputas de narrativas são demarcatórias de uma sociedade em crise, ora polarizada pelo embate entre atores em bolhas, ora petrificada pela consciência do risco, ou seja, uma sociedade marcada pelo medo. Se por um lado vivenciamos com alguma força o discurso médico científico em favor das quarentenas e da diminuição das aglomerações para a manutenção de vidas. Por outro, vivenciamos também com muita força os ecos dos discursos negacionistas que contestam diametralmente a ciência e atacam as políticas de isolamento social em favor da economia, dos fluxos, da normalidade que via de regra, é sempre anormal, porque naturaliza as desigualdades e normaliza as necropolíticas⁶ espalhadas pelo mundo.

Outras polarizações são também percebidas em demais enclaves da sociedade, algo que amplifica não só as nossas perplexidades, mas também, as nossas gramáticas de paradoxos, ambiguidades e intransigências. Concentram-se nesses vieses a gama de valores e valorações acerca da política, dos enquadres entre o que se imagina ser o pensamento de esquerda e o pensamento de direita, que em

⁴ Referência que nos remonta a versos da letra música O Ciúme contido no álbum CAETANO, de Caetano Veloso no anos de 1987. “Tanta gente canta, tanta gente cala// Tantas almas esticadas no curtume// Sobre toda estrada, sobre toda sala// Paira, monstruosa, a sombra do ciúme.”

⁵ Referência que nos remonta a versos da letra música Beradêro contido no álbum Aos vivos, de Chico Cezar no ano de 1995. “São sons, são sons de sins// São sons, são sons de sins// São sons, são sons de sins// Não contudo// Pé quebrado, verso mudo// Grito no hospital da gente”

⁶ Aqui vale a leitura e a referência da obra Necropolítica do cientista político camaronês Achille Mbembe.

verdade parecem ser tão parecidos a depender de quem fala e de como carrega nas tintas os seus discursos de justificação dos meios para o bem dos fins.

A política no cenário da pandemia escancara e ilustra a crise pela qual passam as democracias em todo mundo. Esse debate que já estava posto quando da ascensão de governos autocráticos em democracias consolidadas, à exemplo dos EUA, do Brasil, bem como do fortalecimento de ideários conservadores em democracias consolidadas da Europa, ganham novos contornos de dramaticidade e tensão no contexto pandêmico no qual a diminuição de liberdades e o controle do estado se ampliam tendo como justificativa o controle da doença. Por outras vias, a própria inatividade do estado no contexto pandêmico é também demarcatória de esfacelamentos das democracias, na medida em que, para além de eleições formais, já vaticinara O'Donnell (1998) as democracias são também demarcadas pela gramática das acessibilidades, tais como, educação, justiça, saúde, moradia, segurança pública, dentre outros.

Esses lapsos de acessibilidade que a pandemia apontou, por certo, resvalaram em embates em torno de discursos jurídicos, discursos esses sempre muito pautados pelas disputas de teses e de hermenêuticas. Nesse labirinto discursivo, é claramente perceptível o embate quase que constante entre o que seriam os direitos individuais pautados na liberdade versus os direitos coletivos pautados em demandas de restrição, cujo ápice seria o *lockdown*. Esses embates apontam para pontos de inflamação social arrastados pela calamidade, denunciando assim que não são só as células dos indivíduos infectados que se inflamam, todo o corpo social é acometido senão de inflamações reais, de inflamações simbólicas, com certeza. Entre a força maior e as excepcionalidades, qual direito é mais legítimo nesse panteão de hierarquias? Entre o direito de ir e vir e a necessidade contenção do inimigo invisível, qual limite do eu, do outro e da gente?

Nesse mesmo caminho, os discursos religiosos são também matrizes de disputas, conflitualidades e inflamações da sociedade pandêmica. Religiosos de distintos segmentos nas suas aparições públicas amplificam através de suas vozes um mundo duplamente adoecido, seja pela peste, seja pela disputa histórica por narrativas da fé. Um dilema se estabelece para as religiões de um modo geral, qual seja, como se incentivar o exercício da religiosidade longe dos espaços de cultos? Esse por certo é a deixa para novas formas de cultivo da espiritualidade, algo que aponta para o abandono da exclusividade da religiosidade mediada por lideranças religiosas carismáticas rumo a práticas de espiritualidade mais refinadas, pautadas pela liberdade do fiel no seu encontro com o divino. Esse é o mote de novos desenhos que se inserem nos léxicos das religiões e das religiosidades no mundo em que a fé também precisa ser mediada pelas tecnologias.

E em meio a todo esse arsenal de textos, o ambiental também emite seus recados discursivos. O que seria a Covid 19, senão um vírus provocado pela ação antrópica? Que futuros incertos nos estão postos a partir da constatação que de mais a mais, vivemos em uma sociedade de risco que amplifica dia após dia a expressividade de danos ambientais reiterados? Há até quem diga que essa quietude das quarentenas tem sido um balsamo para a saúde do planeta... Certamente, existe alguma coisa fora da ordem na nossa cultura planetária.

E por falar em cultura e nos tantos discursos que ela emite através das performances que afloram do fazer artístico, uma tese se consolida, qual seja, a cultura em tempos de COVID é o alento para os nossos desalentos. Mas no balbuciar sarcástico de um interlocutor desse escriba: - O problema, meu caro, é que os artistas são os maiores desalentados disso tudo, longe dos seus públicos e privados do exercício pleno dos seus ofícios...

Mas é preciso tratar dos flagelos que se encontram incrustados nos vazios da quarentena...

“por falta de tempo e reflexão, somos obrigados a amar sem saber”. A PESTE, de Albert Camus, 2018.

E eis que no cenário da pandemia, desalentos e desalentados ocupam os vazios da quarentena. Não se escuta viva alma, mas na cidade vazia uma pergunta ostensiva e impertinente se mantém: - Qual o lugar destinado a nossas “almas esticadas no curtume” lá no “Hospital da Gente”?

Essa é uma pergunta que esta contida em outras perguntas, qual labirinto que nos conduz a essência de nossa curadoria de solidões. Onde estamos nós e quem somos nós nesse inventário de saudades e perdas íntimas? O que a quarentena nos rouba? (Julian Fucks, 2020)?

Essas talvez sejam perguntas que só a cultura será capaz de responder...

Quem somos nós?

Nós... Nós, é uma percepção distinta (e muito distante), a depender de que andar ocupamos diante da alegoria do Poço. E para que chegue a comida em todos os andares, é necessário organizar a fome, a solidariedade e a empatia para com aqueles que ocupam os andares mais baixos. Em última análise, o nós tem a ver com a quantidade e a qualidade de comida que nos chega ao andar.

Esse é, por certo, o fator essencial que modela os nossos sentimentos em relação à quarentena, inclusive nossos medos! São os medos que modelam nossas percepções, as nossas propensões ao risco. Entre ficar ou ir, a escolha é sempre mediada pelo mal menor diante do mal maior. O que é medo para os desalentados que estão em casa com os seus desalentos? O que é o medo para os desalentados que precisam sair para as ruas e se expor aos riscos? Essas certamente são percepções distintas de desalentos mobilizados por essa plêiade de discursos que são emitidos e recepcionados pela esfera pública.

E nessas distinções de vazios, as percepções do que esticam nossas almas no curtume é um capítulo a parte do jogo que jogam nossas sensibilidades versus nossas necessidades mais prementes. “Existirmos: a que será que se destina?” é uma tensa dicotomia entre o destino que se constrói e o destino que esta posto de modo determinado. “As pessoas são para o que nascem⁷” ou a roda é mesmo viva e “carrega o destino pra lá⁸”?

Mas eis que adentramos as considerações finais desse parco ensaio interrogante que ambicionou refletir sobre a Peste que ocupa nossos vazios da quarentena. Aqui adentramos nas interações entre cultura e afetos, diversão e arte. E pra quem viveu os anos 1980, de certo mais uma pergunta se impõe: “- Você tem fome de quê?”⁹

A cultura na quarentena é o Hospital da Gente e tem de um tudo lá! Tem *lives* todas as noites para todas as tribos, tem subcelebridades quebrando a quarentena e sendo canceladas por isso, tem anônimos se encontrando com seus contatinhos para alimentar o corpo e a alma, tem sexo virtual com as promessas que depois da tecnologia todos os gozos serão diferentes e mais potentes, tem uma extensa esfera pública que se forja nas redes sociais que, por se só, também são portadoras de discursos diversos que conformam,

⁷ Referência a obra “**A pessoa é para o que nasce**”, um documentário brasileiro de 2004, dirigido por Roberto Berliner.

⁸ Referência que nos remonta a versos da letra música Roda Viva contida no álbum Chico Buarque de Holanda volume 3 de Chico Buarque de Holanda, lançado no ano de 1968. “A gente quer ter voz ativa// No nosso destino mandar// Mas eis que chega a roda-viva// E carrega o destino pra lá”

⁹ Referência que nos remonta a versos da letra música Comida contido no álbum Jesus não tem dentes no país de banguelas, uma composição de Marcelo Fromer, Arnaldo Antunes e Sérgio Britto. “Bebida é água// Comida é pasto// Você tem sede de quê?// Você tem fome de quê? A gente não quer só comida// A gente quer comida, diversão e arte// A gente não quer só comida// A gente quer saída para qualquer parte”.

deformam e manipulam. Mas também informam, constroem e emancipam, forjando comportamentos que libertam.

Quando ministro da cultura na era Lula, Gilberto Gil em certo discurso vaticinou que a cultura era um elemento básico da vida humana e deveria estar na cesta básica. Não sem razão, para ele, os Pontos de Cultura, uma dada política pública que tomou forma na sua gestão, seriam verdadeiros DO-INS, ou seja, a milenar técnica de acupuntura, não mediada por agulhas finas, mas, sim pelos dedos. Ao comprimir com os dedos os pontos de tensão, a cultura é fator de libertação, cura e emancipação.

A se pensar nas ausências de uma política nacional de cultura nesses tempos em que esse setor encontra-se parado não só pela pandemia, mas também pelas políticas de desmonte, pensar como os artistas tem ocupado a esfera pública da internet nos dá conta de que a cultura do Brasil é um discurso de resistência, sobrevivência, afetividade e solidariedade. A cultura é o soro que nos reidrata os sentidos e nos dá sentido! “São sons, são sons de sim, São sons de sins, não contudo, Pé quebrado verso mudo, Grito no Hospital da Gente”.

Referências

- Camus, Albert. (2018). *A PESTE*. Rio de Janeiro, Editora Record.
- Fucks, Julien. (2020). O que a quarentena nos rouba? Inventário de saudades e perdas íntimas. <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks>, Maio.
- O'Doonel, Guillermo. (1998) Poliarquias e a (in)efetividade da lei na América Latina. *Novos Estudos CEBRAP*, n.51, julho.
- Todorov, Tzvetan. (2003) *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés, Martins Fontes, São Paulo.